

Humanização hospitalar: pela elevação da solidariedade*

Ramiro Délio Borges de Meneses

RESUMO

A humanização em saúde aparece como leitura metafísica do relacionamento compassivo, que se determina numa solidariedade esplancofânica, tal como encontramos pela hermenêutica do Bom Samaritano, não sendo algo de mecânico e natural, muito embora seja uma vivência poiética.

Palavras-chave: A humanização da saúde, solidariedade e deliberação esplancofânica.

SUMMARY

As Metaphysics of interrelatedness the health humanization, defines reality as a social process and declares the solidarity universe to be not merely a mechanical situation, but a social and poietic ethics. Essentially theistic, it offers an icon of God to the Good Samaritan by splancnophanic deliberation.

Key Words: Health humanization, solidarity, and splancnologic deliberation.

INTRODUÇÃO

A humanização em saúde apresenta-se como “contribuicionismo” compassivo, que vem do Samaritano, que define uma participação solidária e compassiva com o seu centro no Desvalido no Caminho (Jesus Cristo). Um contribuicionismo entre o Bom Samaritano e o Desvalido.

**In memoriam* do Padre Vitorino Mendes de Sousa Alves, S.J., falecido a 08/01/2001.

A ética do contribucionismo fundamenta-se no princípio orgânico da “simpatia” ou do amor universal ao próximo. Há uma “participação esplanonofânica” do Samaritano para com o *Homo Viator*.

A categoria da humanização, segundo o “contribucionismo”, será dada numa solidariedade compassiva. De fato, o contribucionismo determina uma participação poética do “Self” ao “Other”.

A humanização “participa” de um “contribucionismo poético”, que leva o médico a participar com o seu doente, permitindo uma “atuação esplanonofânica”.¹

A humanização em saúde concretiza-se por este sentido do *socius*, que é uma relação ético-hermenêutica, com origem no dar prioridade ao Outro, como participação ética e forma nova de expressar a vivência plesiológica que experimenta o Samaritano, vindo do Desvalido no Caminho (Jesus Cristo).

A humanização veicula uma *passionis memoria* pela rememoração ativa e passiva. Esta recordação plesiológica é uma anamnese poética, enquanto veicula a força do anúncio da redenção do Desvalido no Caminho (doente, marginal, etc.) pelo Samaritano.

A “anamnése” soteriológica do Desvalido favorece e engrandece, pela humanização em saúde, a solidariedade compassiva (Lc 10, 33). É esta anamnese aretológica que vamos decifrar na humanização através de uma solidariedade compassiva, que afetou o Samaritano num “fazer esplanonofânico” em benefício de certo homem no Caminho da doença ou do sofrimento. Será este o nosso estudo soteriológico da humanização.²

1 – A SOLIDARIEDADE E AS SOLIDARIEDADES

Na humanização, existem dois graus de intersubjetividade e, naturalmente, três respostas diferentes sobre as implicações poéticas da solidariedade.

¹ Cf. BORGES DE MENESES, R. D. – “Do Desvalido ao Samaritano: paradigma de humanização hospitalar”, in: *Enfermagem Oncológica*, 33 (Porto, 2005) 29-32.

² Cf. *Idem* – “Do Desvalido ao Samaritano: a humanização em saúde”, in: *EBORENSIA*, 15 (36) (Évora, 2005) 87-96.

Assim, surgem diferentes respostas, desde uma inter-subjetividade simétrica à assimétrica, passando pela inter-subjetividade racêmica.

1.1– Inter-subjetividade simétrica

Esta atrai para o “dia-lógos” sujeitos iguais, competentes e livres. Este é um elemento fundamental da humanização. Naturalmente que a realidade é outra, sendo essas condições ideais, anteriores ao próprio fato da “fala”. Pela humanização, em saúde, falamos para nos entendermos, quer dizer, para nos fazermos compreender e chegarmos a um acolhimento na relação médico-doente. São como que as condições, quase transcendentais, que tornam possível levar o debate pelo caminho poético do “consenso”.

O incompetente, o desigual e o menos livre é um pré-sujeito do “diálogo”, isto é, alguém sem o qual o consenso não será tão ideal como seria de desejar, e que, como tal, não tem lugar nele.

Percebe-se a inter-subjetividade simétrica metaforicamente dada no Sacerdote ou no Levita perante o Desvalido no Caminho, que na parábola se refere em Jesus Cristo. Certo é que o *nomikós* surge como expressão inter-subjetiva simétrica, de igual para igual, nas perguntas que faz para experimentar o “Mestre”.

A desumanização traduz naturalmente a igualdade e nivelamento dos sujeitos, onde o consenso é a marca do “nivelamento axiológico”.

1.2– Inter-subjetividade assimétrica

Remete para uma relação entre sujeitos desiguais. Um modelo desta assimetria será a dialética hegeliana, em sentido filosófico, do patrão-escravo.

Para Hegel, o êxito de um momento emancipado verifica-se sempre que um sujeito é reconhecido pelo Outro e este, por sua vez, é reconhecido por aquele como elemento necessário da sua própria identidade.

Segundo a fenomenologia do espírito, uma pessoa começa o processo com uma consciência egoísta *per se*, consciência que tem que se sacrificar, se quisermos reconhecer o outro como consciência igual à nossa.

O processo humanizador afeta a consciência sofredora do Outro. Alcança-se a própria consciência, mediante a própria morte e a do outro. Assim, aparece simbolizada nos salteadores, que alcançam a própria consciência, mediante a própria morte e a do outro, segundo o espírito hegeliano.

Enquanto não se produzir esta “reflexão na unidade” do reconhecimento recíproco, ambas as consciências serão diferentes. Se uma autoconsciência é o patrão, a outra será o escravo, segundo Hegel, tal como se revela nos salteadores da parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37).³

1 . 3– Inter-subjetividade racémica

A solidariedade que se gera tem características originais, simultaneamente simétrica e assimétrica. Segundo a humanização não se trata de repartir entre os menos-iguais o excedente dos mais-iguais, mas organizar o todo a partir dos direitos dos menos iguais. Não se trata de questionar a legitimidade desde a não funcionalidade, mas a funcionalidade desde o défice da legitimação.

Temos, portanto, dois modelos de solidariedade – por consenso ou “descendente” e por reconhecimento ou “ascendente” – que correspondem às duas versões da inter-subjetividade referidas: simétrica e assimétrica.

As ações do Bom Samaritano possuem tanto de simétrico, quanto de “assimétrico”, dado que o “fazer” foi ativo e passivo, respectivamente. Está dado na “voz média” pela esplancofania, que vem de Deus-Pai, o “Pai da Misericórdia”.

No Samaritano, a solidariedade da razão comunicativa representa uma ação inter-subjetiva simétrica, deve explicar o passado desde esse princípio inter-subjetivo e dedica-se ativamente à construção do futuro. Há o ver e o acolher do Samaritano que é a solidariedade descendente. Mas, nele surge a “solidariedade ascendente”, que se justifica pelo reconhecimento, que vem do Desvalido no Caminho.

A partir do *Homo Viator*, outra coisa será a solidariedade entendida de acordo com uma experiência histórica primária, como inter-subjetividade

³ Cf. *Idem* – “Na parábola do Bom Samaritano: o sentido da fruição pela humanização”, in: *Acção Médica*, LXIX, 4 (Porto, 2005) 22-33.

assimétrica, quer dizer, como relação entre sujeitos que lutam pelo seu reconhecimento.

Na humanização, poderá surgir que uns carecem de reconhecimento da sua dignidade, porque são “des-validos” e lutam por ela; outros têm-na formalmente, mas ao defrontar-se com aqueles que a não têm, comportam-se como dominadores e isto está presente na relação médico-doente.⁴

Tal como na humanização, a solidariedade é a necessidade de “reconhecimento mútuo” e isto manifesta-se na parábola do Bom Samaritano. Será a compaixão que marcará esse reconhecimento e define uma “solidariedade ascendente”. Serão, na humanização, os “des-validos” os sujeitos axiológicos que constituem o princípio da solidariedade.

Necessário será dizer que a humanização, em saúde, é uma inter-subjetividade simétrica e assimétrica, simultaneamente, *non sub eodem aspectu*. Aqui temos uma inter-subjetividade “racémica” revelada numa “solidariedade anamnésica”, que informa e dá vida à humanização.

Partindo da inter-subjetividade assimétrica, será possível de fato, uma solidariedade com o passado como – *Leidensgeschichte* –, na medida em que hoje assumimos esses direitos não satisfeitos, teremos acesso à dignidade de homens (doentes, etc.) e passaremos de “Desvalidos” a serem dignos.

A parábola do Bom Samaritano é uma “anamnése solidária” da – *Leidensgeschichte* – como – *Leidensevangelium* –, na leitura da *Salvifici Doloris*, porque narrativa da dor e do sofrimento.

A humanização, em saúde, é uma “*Leidensgeschichte*”, que vai do doente e poderá atingir o médico, que tem um imperativo poético: vai e faz misericórdia ao Desvalido. A “inter-subjetividade racémica” implicará quer a solidariedade *ascendente*, quer a solidariedade *descendente*, que é visível no Samaritano, ora para com o Desvalido (*ascendente*), ora no Sacerdote e no Levita, para com o “meio morto” (*descendente*).⁵

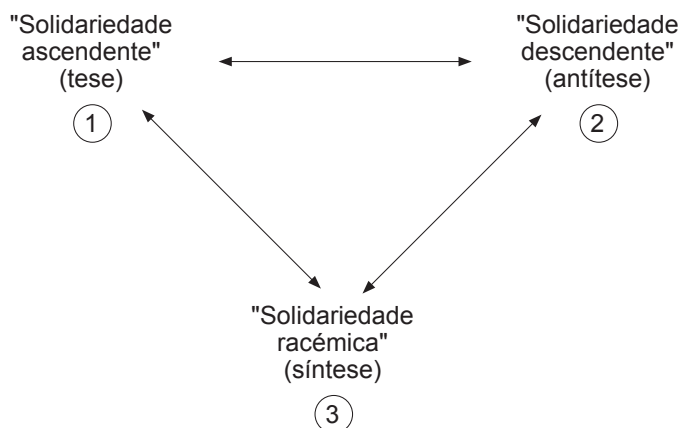
A solidariedade racémica é a solidariedade entre desiguais (Samaritano e Desvalido) e ela “faz-se” (poésis) mediante a opção preferencial do pobre.

⁴ Cf. OSSWALD, W. – “Humanização, ética, solidariedade”, in: *Cadernos de Bioética*, 12, 29 (Coimbra, 2002) 16-17.

⁵ Cf. BEORLEGUI, C. – “La intersubjetividad asimétrica, clave de la responsabilidad ética”, in: *Revista Castellana de Teología*, 19 (Madrid, 1994) 309-319.

Como se encontra na humanização, esta opção introduz uma parcialidade ou assimetria no discurso e no compromisso (responsabilidade), a fim de compensar e solucionar a “assimetria”, que existe na realidade histórica do Desvalido do Caminho.

Dialeticamente diremos que, na humanização, surgem os seguintes elementos:



A humanização, em saúde, está definida nesta forma racémica e dual de solidariedades.⁶

Assim entendida, a solidariedade não se opõe ao dinamismo da justiça, antes o reforça. Será uma solidariedade que propõe transformações estruturais, a fim de corrigir as assimetrias da realidade comportamental entre o Bom Samaritano e o “Desvalido do Caminho”. A solidariedade anárquica tem a sua metáfora dialeticamente no Desvalido no Caminho, porque expressão soteriológica de Deus-Pai das Misericórdias. Esta forma de solidariedade é um dom, que vem de fora, do Pai das Misericórdias. Poderemos dizer que é uma solidariedade “racémica”, porque simultaneamente simétrica e assimétrica.

⁶ Cf. IZQUIETA, J. L.; GARCIA RIOBO, M. A. – “Altruismo y solidariedad. Apuntes antropológicos”, in: *Estudios filosóficos*, 36 (Madrid, 1987) 439-478.

É uma solidariedade que tem tanto de dom (*solidariedade poiética*), quanto de norma (*solidariedade prática*), sendo esta expressa na *Torah*.

Contudo, a “solidariedade descendente” expressa-se simbolicamente nos comportamentos normativos do Sacerdote e do Levita, porque preocupados unicamente pelo sentido prático da Lei e dos Profetas. Com efeito, a “solidariedade ascendente” tem um nome, uma conduta e um chamamento no Bom Samaritano. A primeira forma de solidariedade caracteriza-se pela justiça e o cumprimento dos Mandamentos (Decálogo), afirmando-se a segunda pela misericórdia. A metáfora da “solidariedade ascendente” revela-se na deliberação esplanofânica do Samaritano. Será de baixo para cima a comoção das vísceras (*rahamim*) na conduta poética do Samaritano, que se define como “solidariedade poética e ascendente”, porque afirmação vivencial da “solidariedade anárquica”, que vem do Pai das Misericórdias e passa para o Desvalido no Caminho (Jesus Cristo). Uma não existe sem a outra.

2 – Contribucionismo na humanização

Segundo Ch. Hartshome (1897-2000), numa perspectiva teística, oferece-se Deus como “Supreme Socius” ou Próximo e é co-sofredor, no doente, com humanidade. Assim o Samaritano é uma contribuição plesiológica que vem do *Socius* supremo, Deus-Pai. O Samaritano é metáfora da “ética do contribucionismo”.

A humanização, em saúde, participa deste “contribucionismo”, que induz uma nova ética do “*socius*”.⁷

A partir desta “meta-ética”, surge a participação da criatividade universal e interrelacionamento, que determina uma ética do “contribucionismo” e fundamenta-se no princípio da simpatia orgânica ou no “amor universal”. Assim já vem expresso na parábola do Bom Samaritano.

Disse-lhe Jesus: Que está escrito na Lei? Como lêis? O outro (*nomikós*) respondeu: Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo. Disse-lhe Jesus: Respondeste bem, faz isso e viverás (Lc 10, 26-28).

⁷ Cf. RORTY, R. – *Contingencia, ironia y solidaridad*, tradução do inglês, Barcelona, Paidós, 1991, 18.

Em Lucas é o “doutor da lei” que responde com o *Shemá*, enquanto em Mt 22, 37 e Mc 12, 29 será Jesus Cristo quem o faz, daqui que S. Lucas mostra que a mensagem de Jesus tinha sido preparada pelo Antigo Testamento (Lc 19,18; Nm 15, 37). Segundo a humanização, poderemos dizer: “the ethical ideal is for every present-self to be a living and lasting contribution to the Divine Creativity, to the future generations and to the unfolding of the vast potential of life as such”.

Assim, na humanização, tal como no contribucionismo há uma relação entre o “*anthropós*”, “*éthos*” e “*cósmos*”.

O “*anthropos*” está representado por – certo homem –, que é “Desvalido no Caminho”.

Entretanto, o “*ethos*” será apresentado metaforicamente no estrangeiro – Samaritano –, que se refere como “conduta esplancnofânica”. Esta induz-se como uma “ética contribucionista”, que vai do Samaritano ao Desvalido no Caminho.⁸

O Samaritano dá uma contribuição ao Desvalido pela ajuda desinteressada, como “vivência agápica” e, por sua vez, o Desvalido (Jesus Cristo) “contribui” para a vivência esplancnofânica do Samaritano, sendo este o mais beneficiado por tal contribuição *ad extra* do Desvalido no Caminho.

Naturalmente que o “contribucionismo” aparece eticamente como uma passagem do “self” para o “other”.

A humanização em saúde é um contribucionismo entre o “self” (médico) e o “other” (doente). Estes dois elementos contribucionistas satisfazem o “*ethos*” do *socius*, que se traduz numa característica fundamental da humanização.

O contribucionismo solidário dá uma nova forma de vivência na humanização em saúde, porque esta implica a partilha ou participação *in solidum* do Samaritano ao Desvalido, como uma contribuição plesiológica.

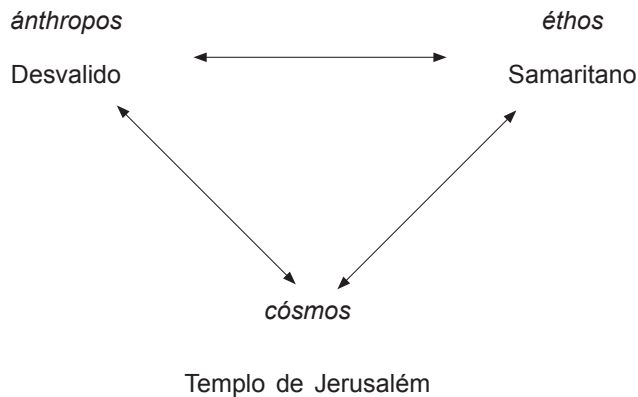
O contribucionismo plesiológico marca o “elan” da humanização, de forma que a participação do Samaritano é deliberativa esplancnofânica.

⁸ Cf. MARTÍNEZ GORDO, J. – *Dios, amor asimétrico. Propuesta de teología fundamental praxica*, Bilbao, 1993, 16-30.

O contribucionismo esplancofânico aparece como uma forma de partilha plesiológica, a qual possui um “imperativo poético” que advém da “comoção das vísceras” e tem uma afirmação poética: vai e faz o mesmo!...

Sem o contribucionismo, conduz-se a humanização para o elemento do “cósmos”, porque salienta o ambiente da parábola que nos norteia no Templo de Jerusalém, porque é o “cósmos” de toda a vivência do judaísmo da época de Cristo, como forma de narrar o sentido e evoluir nesse mundo litúrgico, do culto à Torah, que têm como metáfora o Sacerdote e o Levita. Estes afirmam o culto do Templo como mundividência religiosa da época. Podem manifestar-se estas formas, na humanização, como a amplitude crescente até à prestação de cuidados pelo Samaritano. A humanização necessita de um “cosmos”, que já não é o Templo de Jerusalém, mas a existência de um hospital.⁹

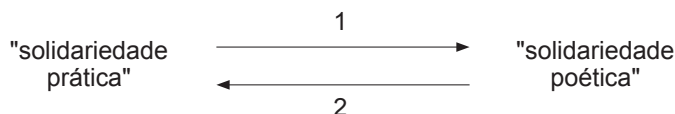
Dialeticamente, a humanização revela-se na presença dos três momentos:



A humanização possui um domínio plesiológico com nova capacidade “esplancofânica”.

⁹ Cf. MAGNANI, G. – “Le nuove vie della solidarietà”, in: *Aggiornamenti Sociali*, 39 (Milano, 1988) 511-520.

Na humanização, em saúde, o contribucionismo plesiológico, perante os “desvalidos” (doentes, marginais, etc.), vivencia-se sob duas formas de “solidariedade”, de forma esquemática:



Segundo uma leitura hermenêutica da parábola do Bom Samaritano, há uma vivência e partilha de bens internos (solidariedade prática), que se situam na audição e vocação esplancofânicas, que é *ad extra* a partir do Pai da Misericórdias.¹⁰

A humanização em saúde sente *de fato* a necessidade e a contingência da solidariedade poética, porque é o seu fundamento e *aliquid cordis*.

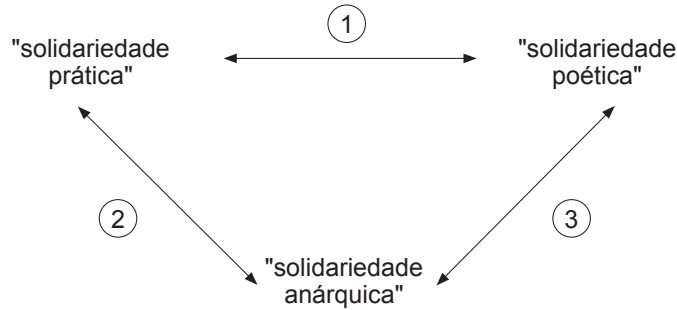
Segundo as referências ao “fazer misericordioso”, na parábola, surge uma nova forma de solidariedade denominada – poética –. Segundo esta, encontramos os bens externos, que o Samaritano partilhou com o Desvalido ao aplicar-Lhe azeite e vinho e as “ligaduras”. Os fazeres esplancofânicos do Samaritano são expressão “solidária poética”.¹¹

Dialeticamente, a humanização vive e vocaciona-se nestas duas de solidariedade (práticas e poéticas), que se apela e se caracteriza, plesiológicamente, na solidariedade anárquica, que é antes de todos os bens partilhados, quer externos, quer internos do Samaritano ao Desvalido. A solidariedade anárquica é antes de mim, da consciência e da razão poética.¹² Assim esquematicamente será:

¹⁰ Cf. A.A. V.V. – “Hacia una cultura de la solidaridad”, in: *Corintios*, XIII, 75 (Madrid, 1995) 15-26.

¹¹ Cf. CORTINA, A. – *La moral del camaleón*, Madrid, Espasa-Calpe, 1991, 53-55.

¹² Cf. BORGES DE MENESES, R. D. – “Na parábola do Bom Samaritano: o sentido da fruição pela humanização”, in: *Acção Médica*, LXIX, 4 (Porto, 2005) 22-25.



A solidariedade anárquica, como fundamento da solidariedade humanizadora, em saúde, seria Deus-Pai que escolheu ser solidário com todos e cada um. Segundo a solidariedade anárquica, será, em Jesus Cristo, como Desvalido no Caminho, Emanuel, onde se vive na “relação poética” com o Outro (Desvalido), como lógica do coração e lógica do dom, ultrapassando a ordem da justiça, que determina a solidariedade (prática ou poética). A vida da humanização faz uma redução eidética da solidariedade anárquica.¹³

No seu sentido atual, carregado de valor moral, a solidariedade remete sobretudo ao que implicava o seu uso jurídico, mas supondo também a solidez da compaixão.

A partir da etimologia *in solidum* sugere-se qual é a base da “solidariedade”, que reside na “empatia compassiva”, que poderá significar adquirir a misericórdia no sentido nobre e expresso pela “comoção das vísceras”. A *solidariedade esplancnofânica* será uma manifestação da vivência pleiológica do Samaritano, porque por ele o Desvalido no Caminho sentiu o *solidus* da vida e da saúde.. A humanização sugere qual é a “meta”: o compartilhar e participar nos bens práticos ou poéticos, ao pensar e viver no bem dos outros (*desvalidos*). A humanização é um *solidus* poético na relação médico/doente.¹⁴

¹³ Cf. PARENT, R. – “Teologia de la praxis de solidaridad”, in: *Moralia*, 14 (Madrid, 1992) 324-326.

¹⁴ Cf. DU FRESNE, C. – *Glossarium mediae et infimae latinitatis*, Paris, Hachete, 1938, VII, *solidare et in solidum*.

Segundo a humanização, a solidariedade situa-se com espontaneidade na busca do Bem dos Outros, porque assim o médico considera o doente como um todo e como um mesmo.

A humanização é solidariedade dirigida a todo o ser humano e a todos os seres, como um grupo de pertença, que engloba médicos e doentes, bem como os demais técnicos de saúde.

A solidariedade contribucionista expressa-se pela humanização, no marco do puro dom, isto é, naquela que assume e ultrapassa a justiça do Sacerdote e do Levita, como referia a Torah e a prática do Templo de Jerusalém. O Samaritano ultrapassa, segundo o contribucionismo, as solidariedades e fixa-se na “solidariedade esplancofânica”. A humanização é um “contributo plesiológico” *in solidum* na relação dual e assimétrica médico-doente.¹⁵

CONCLUSÃO

A humanização, pela leitura hermenêutica do Bom Samaritano, é solidariada de poética que se abra a todos a partir dos menos favorecidos (*desvalidos no caminho*): doentes, marginais, pobres, etc., para afirmar o ideal da “comoção das vísceras” entre todas as pessoas, tendo *in solidum* a condição de assimetria em que se encontram os indivíduos e os grupos desvalidos.¹⁶

Tal como se lê, pela parábola, a solidariedade não se define tanto pela sua relação universal, quanto pelo seu compromisso, relativamente ameaçado, não se definindo pela imparcialidade, mas pela parcialidade ao débil e oprimido, prosseguindo a imparcialidade – igualdade – por meio da “parcialidade”.

Assim, o “olho solidário” supõe a justiça, mas ultrapassa a mesma e cai no âmbito da esplancofania do Outro, que abre a justiça ao domínio da ação positiva, que vem de fora, havendo um impulso que desenlaça os

¹⁵ Cf. DUVIGNAUD, J. – *La solidaridad. Vinculos de sangre y vinculos de afinidad*, México, Encuentro, 1990.

¹⁶ Cf. PECES-BARBA, G. – *Ética, poder y derecho*, Madrid, Tecnos, 1995, 69-70.

esquemas de reciprocidade e obrigatoriedade da justiça, para determinar a ética da “suprabundância do dom”, para usar a terminologia de Ricoeur.¹⁷

Na humanização, muitas vezes falamos de solidariedade ao referirmos aquilo que realizam as pessoas por impulso próprio, dirigindo a sua ação para os necessitados (*desvalidos*), especialmente fora dos seus “grupos de pretença”, porque, pela leitura da parábola do Bom Samaritano surge como “paradigma deliberativo esplancofânico”, na humanização. Esta é solidariedade. E esta afirma-se em novo paradigma de solidariedade esplancofânica, que se funda na “anárquica”.

Tal como o Samaritano viveu a “supra-abundância do dom”, a humanização é um dom esplancofânico do médico ao doente (*desvalido*), pela leitura antropológica e bíblica da parábola do Bom Samaritano (Lc. 10,25-37). Naturalmente, na relação Desvalido no Caminho(doente) com o Bom Samaritano (médico exemplar) eleva-se uma solidariedade anamnésica, por ser oriunda da “comoção das vísceras”.

A humanização, em saúde, implica todas as formas de solidariedade referidas em sentido dialético, tendo como forma mais visível a solidariedade descendente, representada nas atitudes práticas do Sacerdote e do Levita da parábola do Desvalido no Caminho (Lc 10,25-37). A forma mais rica, em sentido antropológico e bíblico, para a humanização, cifra-se na “solidariedade ascendente”, porque revelada na esplancofania do Samaritano. Definitivamente, a humanização vive dualmente nesta dualidade de solidariedades, que são dialeticamente complementares.

Assim, o fundamento último, em sentido fenomenológico, da humanização dos cuidados de saúde inspira-se na “solidariedade anárquica”, porque tem a sua fonte no dom do Pai das Misericórdias pelo Desvalido no Caminho, que é a verdadeira razão de ser da “solidariedade poética”.

Na verdade, o *in solidum* da humanização reside na “revolução das vísceras” (comoção das entranhas) do Samaritano, que é de baixo para cima, como esplancofania poética, que se esvai e revela ascendentemente, num “dar-se visceralmente ao Outro” (desvalido no caminho da dor e do sofrimento – Jesus Cristo).

¹⁷ Cf. RICOEUR, P. – *L'unique et le singulier*, Paris, Alice Editions, 1999, 43-48.

BIBLIOGRAFIA

- BORGES DE MENESES, R. D. – "Na parábola do Bom Samaritano: o sentido da fruição pela humanização", in: *Acção Médica*, LXIX, 4 (Porto, 2005) 22-25.
- PARENT, R. – "Teologia de la praxis de solidaridad", in: *Moralia*, 14 (Madrid, 1992) 324-326.
- DU FRESNE, C. – *Glossarium mediae et infimae latinitatis*, Paris, Hachete, 1938, VII, *solidare et in solidum*.
- Cf. DUVIGNAUD, J. – *La solidaridad. Vinculos de sangre y vinculos de afinidad*, México, Encuentro, 1990.
- Cf. PECES-BARBA, G. – *Ética, poder e derecho*, Madrid, Tecnos, 1995, 69-70.
- RICOEUR, P. – *L'unique et le singulier*, Paris, Alice Editions, 1999, 43-48.

Ramiro Délio Borges de Meneses

Investigador do Instituto de Bioética da Universidade Católica Portuguesa
– PORTO